

ESPOROTRICOSE POR *Sporothrix brasiliensis*: RELATO DE CASOS COM ENVOLVIMENTO ZOONÓTICO

FABIANE FADRIQUE¹; LUÍZA OSÓRIO²; MÁRIO MEIRELES³; ANGELITA GOMES⁴; OTÁVIA MARTINS⁵; EMANUELE SERRA⁶

¹Graduanda em Medicina Veterinária, Fac. Vet. - UFPel – fabiane_fadrique@hotmail.com

²PNPd – PPGVet, Fac. Vet. - UFPel - luizaosorio@yahoo.com

³ Professor Dpto. Veterinária Preventiva, Fac. Vet. - UFPel – meireles@ufpel.edu.br

⁴Doutorada PPGVet, Fac. Vet. – UFPel – angelitagomes@gmail.com

⁵Química Dept. Veterinária Preventiva, Fac. Vet. – UFPel – otavia.martins@hotmail.com

⁶Mestranda PPGVet, Fac. Vet. – UFPel – emanoele.serra@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma doença causada por fungos do complexo *Sporothrix schenckii*, um agente dimórfico, cosmopolita e sapóbrio ((KWON-CHUNG & BENNETT, 1992) de marcante caráter zoonótico, causando infecções em todas as espécies em que foi inoculado, o que torna a doença extremamente importante em saúde pública. Até poucos anos creditava-se todos os casos de esporotricose à espécie *S. schenckii*, porém, atualmente outras espécies do gênero tem-se apresentado como patógenos emergentes. Os felinos tem certa suscetibilidade à infecção por *Sporothrix* spp., pois essa espécie é extremamente relevante na transmissão da micose por carrearem o agente em suas unhas (SEVERO et al., 1999) e pelo seu comportamento de afiar as garras em árvores e enterrar suas excretas, onde acabam se contaminando com o fungo presente no solo e em material vegetal, e o transmitem pela inoculação traumática através da arranhadura. Além disso, são encontradas um grande número de células leveduriformes nas lesões de gatos (MONTEIRO et al., 2008). Os hábitos característicos desta espécie, como a disputa recorrente de machos por território, fêmeas no cio e brincadeiras, e durante a cópula, onde também ocorre arranhadura e mordedura entre os animais, são extremamente importantes na epidemiologia da micose, principalmente em regiões endêmicas (PTAZYNNSKA, 2012). Pelotas, uma cidade de clima subtropical, isto é, quente e de extrema umidade nos meses de verão (OLIVEIRA, 1999; LACAZ et al., 2002). é considerada uma das raras regiões do Brasil em que a esporotricose é endêmica. Em vista da importância da micose e dos raros relatos de envolvimento de espécies não-*schenckii*, o presente estudo objetivou relatar um caso de esporotricose por *S. brasiliensis* em dois felinos, com envolvimento zoonótico.

2. METODOLOGIA

Foi atendido em uma clínica veterinária, um felino macho, SRD, 2,5 kg, adulto (três anos), não castrado, peridomiciliado, oriundo do bairro Três Vendas, na cidade de Pelotas. Na anamnese a proprietária informou que as lesões ulceradas iniciaram na face e posteriormente surgiram em outras partes do corpo. Na residência havia outro gato com lesões cutâneas descritas pela tutora como

“mais brandas”. Ambos os animais estavam em tratamento há um mês com cetoconazol tópico e shampoo a base de peróxido de benzoila, sem que houvesse melhora clínica.

Ao exame clínico observou-se lesões ulceradas extensas na face do lado direito e região cervical esquerda, além de uma lesão menor na região da articulação do cotovelo do membro anterior direito e uma lesão na região torácica ventral. O animal apresentava-se apático e magro (escore corporal 2), com aumento do volume dos linfonodos submandibulares.

O outro animal da residência, um felino macho, 2,5kg, da raça siamês, adulto (três anos), não castrado, peridomiciliado foi atendido em domicílio após a realização dos exames no primeiro gato, na clínica particular. O histórico do animal foi fornecido à anamnese. O tempo de evolução das lesões cutâneas foi relatado como recente, sendo descritas em plano nasal e cauda, que foi tricotomizada para facilitar o uso do cetoconazol tópico e a lavagem com o shampoo a base de peróxido de benzoila. Ao exame clínico, o felino apresentava dificuldade respiratória, lesão ulcerativa com aumento de volume em plano nasal, e lesão crostosa na cauda e entre dígitos nos membros anterior e posterior esquerdo. Foi constatado aumento de volume dos linfonodos submandibulares.

Coletou-se, de ambos os animais, material com swab estéril pela técnica de fricção em todas as lesões ulceradas e fez-se o *imprint* das garras dos felinos.

Durante as consultas, observou-se uma lesão na mão esquerda da tutora dos animais. Havendo um nódulo ulcerado entre os dedos e um segundo nódulo mais proximal, característicos de linfangite ascendente. Quando questionada, ela relatou ter sido arranhada por um dos animais. Foi recomendado à tutora consultar um médico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tanto os *swabs* coletados das lesões quanto os *imprints* das garras dos animais sobre ágar resultaram em crescimento positivo para *Sporothrix* sp. A tutora também foi diagnosticada com esporotricose por médico responsável. Em função do caráter zoonótico da micose e da importância do felino doméstico peridomiciliado como disseminador da esporotricose (7), o felino levado à clínica, no qual foram observadas as primeiras lesões, foi considerado o primeiro animal a desenvolver a doença. Sendo também considerado o responsável pela transmissão intra e interespécie.

O tratamento instituído aos felinos foi itraconazol 10mg/kg/SID. Após um mês de tratamento com itraconazol, acrescido de iodeto de potássio tópico (este último prescrito por médico para uso na proprietária e instituído por ela para os animais) observou-se lesões mais secas, porém mais extensas e disseminadas. Com evidente piora do quadro clínico. Nova coleta de material com *swabs* foi realizada, resultando em crescimento positivo para *Sporothrix* sp. A proprietária optou por realizar eutanásia em ambos os animais.

Por tratar-se de um caso de esporotricose refratária ao itraconazol, o material foi encaminhado para avaliação molecular por PCR (Reação em Cadeia da Polimerase), obtendo-se resultado positivo para *S. braziliensis*. Os casos

relatados de esporotricose por esta espécie demonstram a importância das novas espécies na patogenia da doença.

4. CONCLUSÕES

Os dados apresentados permitem concluir quanto à presença da espécie *não-schenckii*, *S. braziliensis* na cidade de Pelotas, RS, e quanto ao insucesso terapêutico com o antimicótico preconizado, no tratamento da infecção por esta espécie em dois felinos. Bem como ressalta a importância do felino doméstico peridomiciliado na disseminação da esporotricose.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KWON-CHUNG, K.J.; BENNETT, J.E. **Sporothrichosis**. In: RIPPON, J.W. **Medical mycology**. Philadelphia: Lea & Fibeger, 1992. p. 707- 729.

SEVERO, L.C.; FESTUGATO, M.; BERNARDI, C.; LONDERO, A.T. **Widespread Cutaneous Lesions Due To *Sporothrix Schenckii* In A Patient Under A Long Term Steroids Therapy**. Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo, v. 41 (1), 1999.

MONTEIRO, H.R.B.; TANENO, J.C.; NEVES, M.F. **Esporotricose em felinos domésticos**. REVISTA CIENTÍFICA ELETÔNICA DE MEDICINA VETERINÁRIA, v.10, 2008.

PTAZYNSKA, M. **Compêndio de Reprodução Animal**. Ed. Intervet. Acessado em 27 de julho de 2015. Disponível em:
www.abspecplan.com.br/upload/library/Compendio_Reproducao.pdf.

OLIVEIRA, J.C. **Micologia Médica**. 1999: Ed. Control Lab. 255f.

LACAZ, C.S.; PORTO, E.; MARTINS, J.E.C.; HEINS-VACCARI, E.M.; MELO, N.T. **Tratado de micologia médica – Lacaz**. 2002: Ed. Sarvier. p.1104

OSÓRIO, L.G.; FARIA, R.O.; MEIRELES, M.C.A. **Esporotricose em Cães e Gatos**. Pelotas: Novas Edições Acadêmicas, 2015.